

PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES DE MEDICINA SOBRE MOBILIDADE ACADÊMICA INTERNACIONAL: DISCUTINDO ASPECTOS DE (DE)COLONIALIDADE E TRANSCULTURALIDADE

DUCHATSCH, André Meyer¹ (amduchatsch@gmail.com); **MACIEL, Ruberval Franco**.²
(ruberval.maciell@gmail.com);

¹Discente do curso de Medicina da UEMS – Campo Grande/MS;

²Docente do curso de Medicina da UEMS – Campo Grande/MS.

A globalização tem se mostrado como uma das forças mais persuasivas de desenvolvimento da atualidade, uma vez que se trata de processo de aumento de interconexões entre eventos políticos, econômicos, culturais e sociais, entre outros. Nesse cenário, o ensino superior tem sido impactado pelas práticas de internacionalização e é comum, nos discursos sobre a internacionalização, o argumento de que ela promove a integração entre culturas e países. No entanto, o intercâmbio de pessoas e de conhecimento tem sido afetado pela ordem mundial colonial e pela abissalidade de fronteiras entre nações, sociedades, culturas e valores. Nesse raciocínio, as nações capitalistas desenvolvidas são vistas como os principais destinos de mobilidade e também como referência de conhecimento científico avançado e de desenvolvimento cultural. Esta apresentação tem por objetivo discutir sobre o processo sobre a experiência de alunos de medicina em contexto de mobilidade acadêmica. Mais especificamente, a apresentação focará nos aspectos de colonialidade e decolonialidade presentes nos relatos dos participantes de universidades brasileiras. Além disso, serão abordadas as percepções de alunos de duas visões epistemológicas no que se refere às formas de construção de conhecimento em um contexto de universidade no exterior. A presente pesquisa qualifica-se como uma pesquisa qualitativa de natureza interpretativa com características exploratória e de epistemologia da emergência. Esta metodologia apresenta aspectos que se revelam durante o processo de estudo e análise e que podem abrir possibilidades para outras questões não antecipadas nos objetivos. Nas 4 entrevistas realizadas, as nações capitalistas desenvolvidas são vistas como os principais destinos de mobilidade e também como referência de conhecimento científico avançado e de desenvolvimento cultural. Além disso, a abissalidade entre as fronteiras de nações ditas “desenvolvidas” das “subdesenvolvidas” foi muito evidente em discursos como “calma aí, não somos Harvard!”, ao se referir a uma universidade pública brasileira, e “quero ir para essa Disney acadêmica”, ao se direcionar a universidades estadunidenses. Os aspectos transculturais também foram ressaltados pelas entrevistas, evidenciando que a junção de diversos estudantes de nacionalidades diferentes interfere positivamente no processo de aprendizagem. As práticas de mobilidade acadêmica, portanto, se mostram ainda marcadas pela colonialidade das nações hegemônicas globais, marcadas, fortemente, pela abissalidade entre as fronteiras.

Palavras-chave: Educação de Graduação em Medicina, Intercâmbio Educacional Internacional.

Agradecimentos: Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela concessão de bolsa de iniciação científica ao primeiro autor



Realização:

UFGD
Universidade Federal
da Grande Dourados

UEMS
Universidade Estadual
de Mato Grosso do Sul

Parceiros:

CAPES

CNPq
Conselho Nacional de Desenvolvimento
Científico e Tecnológico